

Enquanto na Itália os desvarios do comunismo anárquico trouxeram a infalível reacção conservadora com a mão de ferro e o panache de Mussolini e sua coorte de «cavaleiros», na Inglaterra, a lenta, a fleumática, a serena Inglaterra, o partido trabalhista alcançou nas últimas eleições um triunfo que teve o condão de assombrar e introduzir o pânico nas massas burguesas. E a ponto tal foi esse triunfo que a ninguém é lícito ter dúvidas sobre a sua exacta significação e as suas inevitáveis consequências: o socialismo inglês é hoje, sem contestação, o segundo partido do governo da Grã Bretanha. Lição formidável para os que crêem possível a manutenção da actual estrutura económica, com a sua desorganização e as suas desigualdades, os seus «bambúrrios» e acasos, a sua falta de plano racional; mas não menos formidável, mister é reconhecer-lo, para os que julgam possíveis as mutações bruscas das instituições sociais e esperam remodelações profundas do estatuto económico sem a formação dum escol directivo compenetrado de novas ideias e a aquisição para a causa dum número relativamente elevado de chefes de indústrias.

A verdade é que só é vencedor aquele regimen que, numa determinada fase da vida social, melhor pode garantir a ordem — e chamo aqui ordem, evidentemente, não à tranquilidade aparente, à ausência de conflitos nas ruas, à disciplina mantida à força de espada, que é uma ordem artificial e precária, uma máscara mantendo sob a sua exterioridade um pavoroso conflito imanente, pronto a explodir no momento mais oportuno, mas à verdadeira ordem, que se manifesta por uma organização perfeita da actividade, uma disciplina consentida e uma sólida coesão social. O socialismo só poderá, pois realizar-se e manter-se na medida em que garantir uma melhor ordem social.

E profundamente iludidos estão os que supõem que poderão instaurar a justiça sem garantir a ordem, ou garantir a ordem sem realizar a justiça. No primeiro caso, a sociedade, que quer viver, e para viver necessita de ordem, obté-la lá de qualquer maneira: estará madura para um ditador, é o caso de Mussolini. No segundo caso, não há espadas que possam sustentar de pé um regime de violências e de injustiças, quando soou a hora de as consciências se esclarecerem e das boas vontades

*se congregarem; o que subiu pela violência acabará pela violência: é o caso dos ditadores que se não resignem a fazer concessões às novas exigências do trabalho, será, ainda desta vez, porventura, o caso de Mussolini. Mussolini é filho da táctica comunista italiana, como Macdonald é filho da táctica trabalhista inglesa. A sua alma, sua palma.*

*Inúteis, pois, todos os esforços, todas as quimeras, todas as resistências. Preguem o que pregarem, façam o que fizerem, no fim de tudo é o partido da ordem que sempre acabará por triunfar. — R. P.*